

ADVERBIAIS EM LÍNGUA PORTUGUESA - SEMÂNTICA E SINTAXE EM PERSPECTIVA FUNCIONAL

Mariangela Rios de OLIVEIRA¹

Maria Maura CEZARIO²

Mário Eduardo MARTELOTTA³

Maria Angélica FURTADO DA CUNHA⁴

RESUMO: Análise dos padrões funcionais envolvidos no uso de advérbios locativos, temporais/aspectuais, qualitativos e de negação em língua portuguesa, com base na consideração de sua natureza prototípica. Levantamento de fatores discursivo-pragmáticos – extra e intra-linguísticos – que motivam a ordenação, a polissemia e a gramaticalização de advérbios na trajetória da língua portuguesa. Identificação de marcas de continuidade, de variabilidade e de mudança linguística caracterizadoras desses usos.

PALAVRAS-CHAVE: Advérbios. Ordenação. Semântica. Língua portuguesa.

Introdução

Apresentamos, neste artigo, resultados de nossa pesquisa integrada acerca dos padrões funcionais caracterizadores do uso de advérbios locativos, temporais/aspectuais, qualitativos e de negação no português escrito e falado. Trata-se de uma área de pesquisa linguística ainda pouco explorada e

¹ Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Instituto de Letras, UFF, Niterói, RJ, BR. mariangela.rios@terra.com.br

² Departamento de Linguística e Filologia, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, BR. mmcezario@gmail.com

³ *in memoriam*.

⁴ Departamento de Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFRN, Natal, RN; BR. angelica@ufrnet.br

que necessita, portanto, de incursões como as que aqui fazemos, na tentativa de melhor compreender tais usos na trajetória da língua portuguesa.

Entendemos como *adverbiais* as ocorrências de advérbios, de pronomes adverbiais, bem como de locuções adverbiais que codificam primariamente circunstâncias distintas referentes à ação verbal. Um dos objetivos deste estudo conjunto é investigar quais as motivações para as diversas possibilidades de ordenação dos adverbiais referidos. Outro objetivo é verificar quais as posições prototípicas dos adverbiais em português em relação ao verbo e as possíveis derivações de sentido e processos de gramaticalização envolvidos nesses usos.

Partimos de pressupostos funcionalistas, na linha de Traugott e Dasher (2005), Brinton e Traugott (2006), Thompson e Hopper (2001) e Givón (2001), entre outros, combinando o viés quantitativo e qualitativo na abordagem dos objetos de nossa pesquisa, numa perspectiva pancrônica (FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; VOTRE, 1999).

Usos pronominais locativos⁵

Se a classe dos advérbios já se apresenta como categoria complexa ou híbrida, seja numa perspectiva tradicional ou linguística (BECHARA, 1999; CAMARA JR., 1976; NEVES, 2000; CASTILHO, 1993; ILARI et al., 1990), no caso dos advérbios pronominais locativos, a imprecisão categorial manifesta-se de modo ainda mais acentuado. Integrantes de um grupo marginal dentro de uma classe imprecisa, os locativos são classificados como itens *não predicativos* (ILARI et al., 1990) ou *não modificadores* (NEVES, 2000), uma vez que tendem a não alterar ou afetar a significação do constituinte verbal, o elemento sobre o qual, via de regra, incidem. Nesse sentido, os locativos são entendidos com um tipo de advérbio mais livre e, portanto, mais autônomo em comparação a outros, como os de modo, por exemplo. A seguir, apresentamos uma ordenação ilustrativa do comentário:

(1) Um homem caíra nas mãos de ladrões e salteadores e fora espancado barbaramente *ali*, à beira do caminho. (*Um coração que seja puro*)

⁵ No levantamento, classificação e análise preliminar dos locativos, contamos com a participação das bolsistas Pibic/UFF Evelyn Mendonça de Mello e Ludmilla Lamoglia, além da bolsista IC/Faperj Luciana Pomponet.

Em (1), o locativo *ali* se ordena após outro, *barbaramente*, que, devido à maior participação na predicação verbal – uma vez que recorta e informa a maneira pela qual se deu o espancamento – vem logo após o SV *fora espancado*. Em termos de ordenação linear, a maior distância do locativo em relação ao SV indica a maior autonomia da referência de lugar face à de modo.

Como traços adicionais da subclasse dos locativos, que confirmam sua marginalidade característica em relação aos demais advérbios, citam-se a natureza pronominal e a foricidade de que se revestem. Trata-se de proformas que, em geral, têm o papel adicional de elementos de coesão, a serviço da progressão informacional, seja como mecanismo anafórico ou catafórico. Em (1), *ali* é empregado cataforicamente, já que, somente no SN seguinte, vamos ter preenchida a referencialidade do locativo – *à beira do caminho*. Mas é no fragmento a seguir, exemplificador de anáfora, que se ilustra a funcionalidade mais frequente dos locativos:

(2) Para o céu, para o alto; *lá* está a sua meta. (*Amor é vida*)

No trecho acima, *lá* retoma coesivamente *céu* e *alto*. Assim articulado, o período se expande em forma – são três termos correferentes – e em conteúdo, pela progressão reiterativa da série assim articulada, que tem em *lá* sua síntese.

O status categorial dos pronomes locativos

Segundo nossa perspectiva, em conformidade com a linha teórica funcionalista assumida, entendemos os advérbios pronominais locativos como constituintes de uma subclasse da classe prototípica adverbial (TAYLOR, 1995). Naquela, a partir de um eixo básico central, que leva em conta a frequência de uso, a referência de lugar físico e a ordenação pós-verbal, cada um de nossos itens pesquisados ocupa ponto distinto na classe dos locativos, mais ou menos próximo a esse eixo nuclear. Assim, partimos da hipótese de que *ali*, por partilhar, em maior número de casos, os três traços acima referidos, apresenta-se como o locativo adverbial mais prototípico; após, encontra-se *aqui* e, um pouco mais distante, *lá*; num ponto marginal da classe dos advérbios, situa-se *aí*, item com maior tendência à polissemia, à gramaticalização e à ordenação pré-verbal.

Essa mobilidade categorial dos pronomes adverbiais fica reforçada se levarmos em conta que, via de regra, a efetiva expressão de lugar, em português, está contida no próprio constituinte verbal, como comprovam os sintagmas *vir aqui, chegar aqui, sair (d)aqui, partir (d)aqui, andar aqui*, em que as distinções situacionais se expressam pelo primeiro elemento de cada expressão. Desta forma, os pronomes locativos atuam, na verdade, como *reforço situativo-comunicativo* (BATORÉO, 2000, p. 422), em papel secundário em termos de referência locativa. Trata-se do fenômeno observado por Paiva (2003), na pesquisa de sintagmas do tipo *aí na esquina* ou *lá na escola*, nos quais, mais do que catáfora, observa a autora um caso de *superespecificação* situacional. Segundo nossa interpretação, já não se trata sequer de estratégia de ênfase, de acúmulo de informação espacial, porque os locativos, em tais contextos, já estariam esvaídos de sua referência básica, papel cumprido mais efetivamente, nessas estruturas, pelo termo nominal subsequente.

Assim, da expressão dêitica, localista, externa, podem esses advérbios assumir sentidos menos concretos, no nível exofórico. Já em plano textual, atuar na articulação de referência endofórica, em função anafórica, mais comumente, ou catafórica. Conforme prevê o processo de gramaticalização (FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003), a partir desses papéis textuais, alguns advérbios, em avançado estágio de polissemia, migram para outras classes, como a dos conectores ou operadores, ou ainda a dos especificadores ou clíticos.

Observamos que a localização na classe dos advérbios e a tendência à polissemia e gramaticalização dos locativos são dependentes de alguns fatores. Um deles está ligado à frequência de uso: itens mais recorrentes tendem a certo *desgaste* ou *perda de valor informacional* (DAHL, 2001); por outro lado, essa perda de conteúdo referencial é compensada por ganho de conteúdo gramatical. Assim, *aí* e *lá*, locativos muito recorrentes na expressão do português, de modo mais contundente estão propensos a, uma vez desgastados no trato linguístico, passarem a assumir papel mais gramatical, migrando para classes menos lexicalizadas, como a dos elementos de conexão, como em *eu cheguei, aí ele saiu*, ou a dos clíticos, do tipo *um sujeito lá, alguém aí*.

Outro fator interveniente na migração categorial dos locativos diz respeito à *granulidade*, termo oriundo da Inteligência Artificial, de acordo com Batoréo (2000), que *define as diferenças nas regiões-de-vizinhança dos conjuntos*. Segundo esse entendimento, os locativos podem ser distribuídos pelos

dois subsistemas de granularidade – vasta ou fina/estreita. No português do Brasil, do primeiro subsistema, é usado regularmente lá, que traz a marca da imprecisão e da indefinição situacional; assim, sua polissemia e consequente gramaticalização em expressões regulares como *seja lá, vá lá* ou *(um) cara lá* podem ser interpretadas como resultado da vasta granularidade que lhe é característica. Em alguns casos, devido, talvez, à sua maior imprecisão semântica, o locativo tende a expressar negação, como no sintagma *sei lá, quero lá (fazer algo)*.

Por outro lado, a tríade *aqui, aí, ali* participa do subsistema de granularidade fina ou estreita, pois a localização, nestes casos, é referida com maior pontualidade e precisão. Dos três itens, os usuários tendem a trabalhar com o par dicotômico *aqui vs. ali*, na referência ao que está mais próximo ou distante do emissor, respectivamente, conforme o sistema conceptual egocêntrico do português. Provavelmente por conta dessa característica de uso, *aqui* e *ali*, este último muito recorrente, são os termos menos propícios à polissemia e à gramaticalização comparados aos outros dois – *aí* e *lá*. Hipotetizamos que, com a adoção desse binarismo referencial, o locativo *aí*, na articulação de distanciamento relativo, fica disponível para, em posição pré-verbal e não raro pré-oracional, assumir sentido mais abstrato, migrando, em muitos casos, para a classe dos juntores – conectivos ou operadores.

Num outro viés analítico, ao comparar paradigmas pronominais demonstrativos de diferentes línguas, Jungbluth (2001) defende que o português do Brasil, em seu uso popular, tende a reconstituir a tríade dêitica por intermédio da formação de sintagmas em torno dos advérbios pronominais locativos. Assim, o binarismo do par *esse vs. aquele* seria recomposto na tríade *esse aqui – esse aí – aquele lá*. De acordo com a perspectiva funcional por nós adotada, poderíamos dizer que se trata de estratégias retóricas de tom enfático, próprias da modalidade falada, no âmbito do discurso, que atuam como formas compensadoras da perda de informatividade ou possível imprecisão das formas *esse* e *aquele*. De acordo com Dahl (2001), com tal procedimento, num mecanismo contrário à chamada “economia verbal”, os usuários “inflacionam” o dizer com maior quantidade de forma como garantia para sentidos desgastados, devido à alta frequência de uso. É possível ainda relacionar a estratégia ao subprincípio icônico da quantidade (GIVÓN, 2001), segundo o qual conteúdos proeminentes ou mais relevantes são veiculados por formas mais extensas, com maior quantidade de expressão.

Pronomes locativos em textos epistolares

Nesta seção, investigamos especificamente textos de cartas. Trata-se de fontes documentais que revelam características ideológicas pessoais de seu autor, tais como: crenças, conceitos, valores, propósito discursivo, por exemplo, bem como aspectos que dizem respeito aos fatores contextuais, relativos ao ambiente histórico-social, que o influenciaram, de alguma maneira, ao elaborar o texto.

Para o português contemporâneo, selecionamos cartas dos leitores publicadas nos jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Folha de São Paulo* e nas revistas *IstoÉ*, *Veja*, *Época* e *IstoÉ Gente*, no período de dezembro de 2003 a maio de 2004. Trata-se de um espaço destinado aos leitores para que possam expressar suas vozes individuais em fórum público em relação a um artigo publicado ou a um acontecimento sociopolítico, entre outros. A linguagem utilizada nessas fontes permite, portanto, veicular significados que vão além do efeito comunicativo imediato, podendo ser utilizada pelos leitores/escritores como um instrumento de manipulação, ou seja, o leitor/escritor tenta persuadir, de maneira consciente ou não, a opinião pública ou outro leitor.

Como fonte representativa do português arcaico, usamos a Carta de Caminha – o minucioso e representativo documento que dá conta da descoberta Brasil pela esquadra de Cabral, datado de 1500. A Carta de Caminha constitui um texto narrativo-descritivo que contém informações e pormenores sobre a viagem até o Brasil e a estadia nesse país. Levantamos exaustivamente dados da edição da Série Diachronica, com reprodução fac-similar e leitura justalinear (CUNHA; CAMBRAIA; MEGALE, 1999).

Mesmo considerando as especificidades pragmático-discursivas desse documento em relação ao correspondente do português contemporâneo aqui tratado (cartas de leitores), não só em termos de sincronia, como também do perfil do escritor, do leitor e dos propósitos comunicativos, incluímos a Carta de Caminha no conjunto do gênero “carta”. Na abordagem qualitativa dos dados, as condições discursivas desse documento são consideradas.

Apresentamos, a seguir, os dados relativos ao levantamento exaustivo dessas fontes e comentários analíticos acerca de tal levantamento⁶:

⁶ As tabelas a seguir trazem o levantamento dos locativos nas cartas pesquisadas, em que se usam as seguintes abreviações: *stj*-(sujeito), *adv*-(advérbio), *vb* (verbo) e *ins* (inserção).

Tabela 1: Tipos de ordenação de locativos em cartas contemporâneas

Locat.	Posições pré-verbais			Posições pós-verbais		TOTAL
	Suj+adv+vb	Adv+vb	Adv+ins+vb	Vb+adv	Vb+ins+adv	
(d)ái	1	9	6	11	3	30
(d)ali	0	6	1	2	2	11
Aqui	2	2	6	10	8	28
Lá	3	4	4	16	2	29
Total	6	21	17	39	15	98

Tabela 2: Tipos de ordenação de locativos na Carta de Caminha

Locat.	Posições pré-verbais			Posições pós-verbais		TOTAL
	Suj+adv+vb	Adv+vb	Adv+ins+vb	Vb+adv	Vb+ins+adv	
(d)ái	-	7	-	9	1	17
(d)ali	-	26	6	12	1	45
Aqui	-	9	5	12	2	28
Lá	-	5	-	14	-	19
Total	-	47	11	47	4	109

Nas cartas pesquisadas, em ambas as sincronias, os dados apontam variabilidade na ordenação dos advérbios locativos. Nos textos atuais (Tabela 1), observa-se maior tendência às ordenações pós-verbais. Na Carta de Caminha (Tabela 2), as posições contíguas ao verbo encontram-se com 47 registros, tanto pré quanto pós-verbais, por conta da maior ocorrência de *ali* na posição pré-verbal, ratificando a tendência, no português arcaico, da maior instabilidade de ordenação desse locativo, como em (3):

- (3) e aatera atera davera cruz. Mandou lamçar op rumo acharam xxb braços e ao sol posto obra de bj legoas de tera surgimos amcoras em xix braços amcorajem limpa. *aly* jouuemos todaaquela noue. e aaquimta feira pola

manhã fizemos vella e segujmos dir^{tos} aaterra eos naujos pequenos...
(*Carta de Caminha*)

Também ratificando resultados de levantamento em *corpora* distintos (OLIVEIRA; CEZARIO; ALBANI, 2005), registramos o uso de locativos entre o sujeito e o verbo na fase contemporânea da língua, com seis ocorrências na Tabela 1, em oposição à falta desse registro no período arcaico. Conforme nossa hipótese para esse tipo de achado, consideramos, mais uma vez, as condições pragmático-discursivas como motivadoras dessa esporádica construção. Vejamos o trecho seguinte:

- (4) Como pode o bandido Eduíno Eustáquio, homem violento, estuprador e condenado a 26 anos de cadeia, conseguir, após sete anos de detenção, uma autorização judicial para visitar a mãe e desaparecer? O resultado *aí* está. Que venha urgente o controle externo do judiciário. (*O Globo*)

Após a exposição de um fato grave ocorrido com um bandido, o leitor, com a articulação de *aí* em P1, cria as condições para expor sua tese – a necessidade urgente do controle do poder judiciário. Com a declaração de que *O resultado aí está*, o leitor abre espaço para sua efetiva opinião.

Em relação a *aí*, as cartas de leitores, como também verificado em outras fontes empíricas, apontam o aumento da ordenação pré-verbal, na demonstração da trajetória de gramaticalização desse constituinte como partícula conectiva:

- (5) Lula emperrou parte da nossa história com bravatas que, ainda bem, não coloca em prática agora que é o dono da bola. Cabe a questão: Lula acredita no que prega? Se sim, o nosso presidente padece de algum mal que simplesmente o leva a dissociar sua retórica das suas ações. Se não, bem, *aí* a gravidade é óbvia. (*Folha de São Paulo*)

Ao discutir acerca da credibilidade do presidente Lula, o leitor da *Folha*, no trecho final de sua carta, articula, em posição pré-verbal, o pronome *aí*. Neste contexto, adquire o constituinte sentido mais textual, na articulação da relação lógica de conclusão/consequência, enfatizada pela anteposição de *bem*.

Acerca do aumento de frequência de ordenações pré-verbais, observamos, no cotejo das Tabelas 1 e 2, o incremento das ocorrências de *lá* no uso contemporâneo. Ao atentarmos para os trechos levantados, numa análise de ordem qualitativa, destacam-se padrões não prototípicos, em que a vasta granularidade desse advérbio motiva, em contextos mais informais como as cartas de leitores, a instauração de sentido negativo ou indeterminado, tal como:

- (6) Mais um pouco e se tornará inviável a conclusão da obra a tempo de dispormos desse serviço durante os Jogos Pan-Americanos. E sem o metrô no Pan, *lá se vai* a Olimpíada de 2012. (*O Globo*)

Em (6), na crítica à morosidade das obras para os Jogos Pan-Americanos de 2007, o leitor informa sobre o comprometimento dessa situação em termos do projeto de o Brasil sediar uma olimpíada. Para dizer da falta de perspectiva dessa proposta maior, ele usa a construção *lá se vai*, na indicação da ausência de rota, de visibilidade para a realização de tal intento.

Usos temporais e aspectuais

Esta seção é destinada à análise da ordenação de adverbiais temporais em diferentes corpora escritos com o objetivo de apresentar tendências gerais de uso em diferentes gêneros escritos do português.

Há diferentes classificações semânticas para as locuções de tempo e de aspecto; em nossa pesquisa, mesclamos a classificação presente em Martelotta (1994) e em Ilari (2001). Um levantamento preliminar desse tipo de adverbial em textos contemporâneos demonstra que os adverbiais temporais e aspectuais apresentam grande mobilidade na oração (CEZARIO et al., 2004; CEZARIO; ILOGTI; COSTA, 2005; ANDRADE, 2005) e variam em extensão e sentido também, como atestam os fragmentos (7) e (8), extraídos de textos religiosos:

- (7) Existem *hoje* no mundo muitos cristãos (*Tocar o Senhor*)
- (8) que haja disciplina *durante o ensaio...* (*Cantar em espírito e verdade*)

Analisamos os circunstanciais a partir de vários fatores de ordem estrutural – como a posição de argumentos do verbo na frase, o tipo de complemento do verbo – e de ordem semântico-pragmático-discursivo – como a coesão textual, o tipo de verbo modificado pelo adverbial, o tipo de texto, o *status* informacional da locução adverbial, a função contrastiva do adverbial no texto e a transitividade da cláusula. Apesar de estarmos tratando aqui conjuntamente do advérbio simples e da locução adverbial, metodologicamente foi necessário separar o estudo desses dois elementos circunstanciais, pois os advérbios em geral são mais fixos do que as locuções. Além disso, o número de locuções diferentes (tanto semântica quanto estruturalmente) é muito grande.

A transitividade parece-nos o mais importante fator para explicar a ordenação de locuções circunstanciais temporais (principalmente). Esse conceito é aqui empregado no sentido apresentado por Hopper e Thompson (1980) e Thompson e Hopper (2001), como uma noção escalar que envolve não somente o verbo e o seu complemento, mas toda a oração. As orações altamente transitivas apresentam um sujeito agentivo, com vontade própria, que realiza uma ação pontual sobre um participante individuado que é afetado. A transitividade, portanto, envolve vários fatores, como agentividade, aspecto, modo, etc. Quanto mais traços positivos, mais transitiva é a oração.

Para compreendermos a relação entre transitividade (HOPPER; THOMPSON, 1980; THOMPSON; HOPPER, 2001) e ordenação de adverbiais, trabalhamos com a hipótese (CEZARIO, 2004), segundo a qual quanto mais traços de transitividade uma oração tiver, menos chance haverá de uma locução vir separando o sujeito do verbo ou o verbo do objeto. Assim, nas orações altamente transitivas em que um sujeito agentivo realiza uma ação que afeta um objeto, esses constituintes básicos – sujeito e objeto – devem estar mais próximos do núcleo da oração, ou seja, do verbo. Os elementos circunstanciais codificados por locuções adverbiais não devem se inserir entre esses termos. No entanto, nas orações com baixíssima transitividade, como, por exemplo, as que são codificadas com verbos de ligação, as locuções podem ocorrer entre o sujeito e o verbo ou entre o verbo e o predicativo, além das demais posições.

Para esta análise, selecionamos os seguintes traços (os que se mostraram mais importantes na nossa pesquisa) dos 10 propostos por Hopper e Thompson: número de participantes, cinese, telicidade (perfectivo/não-

-perfectivo), modalidade da oração (realis, irrealis), agentividade do sujeito e afetamento do objeto.

A seguir apresentamos alguns dos resultados⁷ acerca dos adverbiais temporais em diferentes gêneros e sincronias.

Locuções adverbiais temporais/aspectuais em editoriais

Numa amostra de 100 editoriais do JB, coletados no período de 1999 a 2004 (ANDRADE, 2005; CEZARIO; ANDRADE; FREITAS, 2005), encontramos 198 dados com locuções adverbiais temporais/aspectuais. Verificamos que, nesse gênero, as locuções não têm uma posição prototípica, apresentando apenas uma pequena tendência de ocorrência na posição pós-verbal (55% dos 198 dados encontrados).

Para verificar se havia alguma relação entre o tipo semântico da locução e a posição desta, classificamos as locuções, de acordo Martelotta (1994) e em Ilari (2001), em:

a) locuções com função dêitica: são as locuções adverbiais que têm como função básica localizar um evento/situação no tempo, podendo determiná-lo ou não, como em (9), anteriormente referido.

(9) É seu primeiro investimento na candidatura a presidente *em 2002*.
(7-JB/1999)

b) locuções com função durativa: são as locuções adverbiais que têm como principal função expressar a duração inicial, final e/ou total de uma situação ou processo, delimitando-o ou não.

(10) *Ao longo dos anos* abriram-se eixos [...] e começou-se a construção de um anel viário... (38-JB/1999)

⁷ Os seguintes alunos de Pós-graduação realizaram pesquisas relacionadas ao projeto de ordenação de adverbiais temporais: Filipe Albani, Érika Pianura de Freitas, Queli Pacheco Andrade, Érika Ilogti e Júlia Nunes Costa.

c) locuções com função reiterativa: são as que se referem à repetição de um evento/situação, determinando-o ou não.

(11) *Todos os anos*, portanto, as autoridades se omitem diante de providências que deveriam ser tomadas automaticamente. (32-JB/1999)

d) locuções com valor de simultaneidade: são as que indicam que dois eventos ou situações ocorrem concomitantemente.

(12) O ministro José Dirceu e o secretário-geral Luiz Dulci cuidam do assunto *ao mesmo tempo*. (71-JB/2003)

Nos editoriais estudados, as locuções dêiticas tendem a ocorrer na posição pós-verbal (59% dos 116 dados com esse valor), ao contrário do que esperávamos, e as simultâneas (apenas 4% do total) se apresentam 75% das vezes na posição pré-verbal. Como essas fazem a ligação de dois fatos que ocorreram ao mesmo tempo e que foram codificados em orações consecutivas, era de se esperar que viessem logo no início da oração em análise. Observamos ainda que as locuções (tanto as pequenas como as mais longas), em editoriais, tendem a aparecer nas posições marginais à cláusula, ou seja, logo no início ou no final da cláusula.

As locuções, no gênero estudado, aparecem normalmente na posição de sujeito quando este está ausente (sujeito oculto ou oração sem sujeito) ou está na posição pós-verbal. Neste caso, ou seja, na ordem VS (verbo-sujeito), 74% das locuções coletadas estão na posição pré-verbal, como em (13). Mas, quando o sujeito está na sua posição prototípica, ou seja, na ordem SV, as locuções adverbiais aparecem 68% na posição pós-verbal, como em (14):

(13) *Nos últimos dois meses*, foi roubado o carro blindado do ministro da justiça. (47- JB/2003)

(14) A Libéria nasceu *em 1822*, como pátria de ex-escravos americanos. (40-JB/2003)

Locuções adverbiais temporais/aspectuais em textos religiosos contemporâneos

Nos textos religiosos,⁸ nossas pesquisas (cf. CEZARIO; ILOGTI; COSTA, 2005) demonstraram que as locuções tendem a ocorrer na posição pré-verbal (62% de um total de 340 dados), como em (15):

- (15) *Às vezes*, entra em cena a necessidade de carinho “mais pleno” porque há um “diálogo” que o exige ... (*Um coração que seja puro*)

Na amostra analisada, a noção de tempo é muito importante e muitas vezes é usada como um elemento argumentativo, pois os autores buscam ajudar os leitores a se encontrarem espiritualmente num momento de tanta individualidade e violência. Observemos o trecho abaixo:

- (16) À luz da Palavra de Deus, procuraremos, como fizemos na meditação anterior, descobrir pistas que nos levem ao encontro daquele que tanto procuramos.

Uma tarde, Saulo se dirigia a Damasco, com a autorização do Sumo Sacerdote para prender os cristãos que lá se achassem e trazê-los a Jerusalém a fim de castigá-los. (*Tocar o Senhor*)

O trecho (16) refere-se a dois parágrafos consecutivos, sendo que o primeiro faz referência ao tempo presente, e o segundo a um evento ocorrido no tempo em que Cristo viveu na Terra. Notemos que, na mudança de parágrafo e na troca de tempos cronológicos, há uma locução temporal, *uma tarde*. O uso de locuções na margem esquerda da oração, elucidando a oposição temporal, é um recurso largamente usado nesses livros religiosos.

Constatamos que a oposição de dois tempos cronológicos não existe neste tipo. Os demais tipos auxiliam na idéia de oposição temporal (mundo atual *versus* época de Cristo), seja localizando os eventos nas duas épocas, seja reiterando ações praticadas por personagens da época de Cristo em contraste com as ações das pessoas do mundo atual. Assim, as locuções que ex-

⁸ Utilizamos como *corpus* uma série de livros católicos contemporâneos escritos por padres brasileiros, como o Padre Zezinho (Oliveira, 1982) e o padre Léo (1994)..

pressam, de algum modo, a oposição de épocas tendem a ocorrer na posição pré-verbal, principalmente na margem esquerda da frase.

Com relação à hipótese que vincula transitividade e posição da locução, verificamos que as locuções que aparecem inseridas entre o sujeito e o verbo ou entre o verbo e o complemento⁹ estão em orações com baixíssima transitividade, como as com verbo de ligação ou com modal e verbo de ligação:

(17) A aclamação *depois da consagração* também pode ser cantada. (*Cantar em espírito e verdade*)

(18) Nossas músicas deverão ser *ao mesmo tempo* carismáticas e proféticas. (*Cantar em espírito e verdade*)

Já as orações com mais traços positivos de transitividade tendem a ter as locuções em posições marginais, como no exemplo (19) em que a locução *A seguir* ocorre na margem esquerda de uma oração altamente transitiva, com os seguintes traços (dentre os traços controlados nesta pesquisa): [+] participantes, [+] cinese, [+] aspecto perfectivo, [+] modalidade da oração, [+] objeto afetado, [+] agentividade do sujeito.

(19) [...] rangeu os dentes, mudou de cor, fez a pior carranca do universo, prendeu as mão e deu um grito de raiva. **A seguir** levantou o soldado pela roupa, virou o rosto e disse [...]. (*Um coração que seja puro*)

O advérbio *sempre* em textos religiosos no português arcaico e contemporâneo

Ao estudarmos a ordenação do advérbio *sempre* no português arcaico (com base no livro *Orto do Esposo*) e no português contemporâneo escrito (livros católicos contemporâneos), constatamos que há diferenças de tendências de ordenação nessas duas sincronias (ALBANI, 2007; ALBANI; CEZARIO, inédito).

Todos os fatores estudados indicam que, no português arcaico, a ordem era mais livre e mais motivada, enquanto no português atual a ordem

⁹ Consideramos na categoria C (complemento) o objeto, o complemento circunstancial e o predicativo.

é mais fixa. Apesar de mais motivada, a tendência de colocação do advérbio *sempre* no português arcaico era pré-verbal (71% dos dados), enquanto no português atual a posição prototípica é pós-verbal (83% dos dados). Há, portanto, um forte indício de mudança na ordenação do advérbio *sempre* em textos religiosos.

O fator “tipo semântico de verbo modificado pelo advérbio *sempre*” demonstrou que, no português arcaico, a semântica do verbo (HALLIDAY, 1994) motivava a colocação do advérbio: nos verbos materiais (como *dar*, *levantar* e *limpar*) e nos relacionais intensivos (como *ser*, *estar* e *estar em*), a posição típica do advérbio é pré-verbal. Já nos verbos mentais (como *perceber*, *achar* e *pensar*), a posição típica é VadvC, ou seja, entre o verbo e o complemento. No português atual, no entanto, o tipo de verbo não é relevante, pois o uso mais frequente é VAdvC, não importando o tipo semântico do verbo, como nos exemplos a seguir:

(20) Se continuar a servi-lo, você será **sempre** seu escravo. (*Tocar o Senhor*)

(21) Onde você pisa, deixa **sempre** alguma marca... (*Amor é vida*)

Não houve relação entre uso de *sempre* e transitividade. Os resultados apontam para a fixação do advérbio *sempre* na posição pós-verbal e, havendo complemento (C), o advérbio tende a ficar entre o verbo e o complemento, como nos últimos exemplos apresentados.

Usos qualitativos

Esta seção consiste na análise dos usos dos advérbios qualitativos em textos do século XVIII e XIX, retirados do *corpus* do PHPB-RJ: especificamente cartas pessoais, cartas de comércio, cartas oficiais, cartas de leitores e redatores e anúncios de jornais. Foram investigadas as ocorrências de *bem* e *mal*, assim como dos advérbios em *-mente*, em contextos em que esses itens modificam verbos, com o objetivo de observar as tendências de ordenação que esses advérbios apresentam nesses textos.

Embora a pesquisa focalize os séculos XVIII e XIX, busca também localizar essa fase da evolução histórica do português no contexto maior da

mudança nas tendências de ordenação desses itens desde o latim até o português atual, já detectada em outros trabalhos (MORAES PINTO, 2002, 2008; MARTELOTTA; BARBOSA; LEITÃO, 2002; MARTELOTTA, 2004; MARTELOTTA; VLCEK, 2006; MARTELOTTA; PROCESSY; SANTOS, 2008; BENEDITO, 2008). Essa ampliação do foco de análise se deve também ao fato de que, como será visto mais adiante, foram pouquíssimas as ocorrências desses itens nas cartas, o que impede uma análise mais aprofundada do fenômeno em estudo, sem que se leve em conta outras pesquisas elaboradas com base em outros *corpora*, e em outras épocas. A partir desses outros trabalhos, propõe-se aqui que a posição latina dos qualitativos, essencialmente pré-verbal, vai desaparecendo gradualmente em favor de uma tendência praticamente categórica para as posições pós-verbais no português atual, apresentando uma fase de variação pelo menos do português arcaico até o século XIX.

Uma pesquisa dessa natureza implica também observar outros valores que os itens em estudo podem apresentar, já que, normalmente, esses outros valores exibem ordenações diferentes na cláusula. Os usos não qualitativos podem ser vistos tanto no caso de *bem* e *mal*, que também podem apresentar valor interpessoal¹⁰ (ex.: como *bem* sabes, eu *mal* conheço essa pessoa), quanto no caso dos advérbios em *-mente*, que também podem assumir valores pragmático-discursivos como o de modalizador (ex.: *realmente*), o de atitude proposicional (ex.: *felizmente*) e o de atitude pragmática (ex.: *francamente*). Entretanto, esta análise vai se concentrar na ordenação dos usos qualitativos dos advérbios estudados, limitando-se a apenas exemplificar os usos interpessoais.

A teoria da gramaticalização está na base das restrições de ordenação dos itens em questão tanto no que diz respeito às tendências de ordenação dos itens em questão com função de advérbios qualitativos, quanto no que concerne à polissemia que os caracteriza. As restrições de ordenação dos qualitativos estão associadas ao nível de gramaticalização da cláusula em que eles ocorrem (GIVON, 1979; HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Por outro lado, os novos usos que se desenvolvem dos advérbios qualitativos modifi-

¹⁰ Consideramos que desempenham função interpessoal elementos que ajudam a promover a organização do texto, de modo que ele veicule significado no processo da interação verbal. Desse modo, apresentam valor interpessoal os elementos focalizadores os retomadores de assunto, os marcadores de contra-expectativa, os iniciadores de fala, os conectivos e, de um modo geral, elementos que refletem estratégias interativas de comunicação.

cadores de verbos passam a apresentar funções de caráter mais gramatical (TRAUGOTT; DASHER, 2005; HEINE; KUTEVA, 2007).

Visão geral da mudança

Como foi mencionado anteriormente, essa análise parte do princípio de que a posição latina dos qualitativos, essencialmente pré-verbal, vai desaparecendo gradualmente em favor de uma tendência praticamente categórica para as posições pós-verbais no português atual, apresentando uma fase de variação pelo menos do português arcaico até o século XIX. O esquema abaixo traduz, em linhas gerais, essa mudança gradual que caracteriza as tendências de ordenação dos advérbios qualitativos:

LATIM: Posição predominantemente pré-verbal (MAROUZEAU, 1949; ERNOUT; THOMAS, 1993 [1951]; MARTELOTTA, PROCESSY; SANTOS, 2008).

PORT. ARC.: Variação, com o predomínio de ocorrências pré-verbais em cláusulas mais gramaticalizadas (MARTELOTTA, 2004).

PORT. DO SÉC. XIX: Forte diminuição da colocação pré-verbal no final do século (MARTELOTTA; VLCEK, 2006).

PORT. ATUAL: Posição pós-verbal em todos os tipos de cláusulas (MARTELOTTA, 2004)

Essas tendências têm sido detectadas para o português em diversos trabalhos, como os de Moraes Pinto (2002, 2008) e Martelotta (2006) para os advérbios em *-mente* e Martelotta (2004) e Benedito (2008) para os advérbios *bem* e *mal*. De um modo geral, esses estudos partem da hipótese de que existem estruturas sintáticas mais conservadoras do que outras e entre as mais conservadoras estão as que apresentam maior grau de gramaticalização, ou seja, mais encaixamento sintático: as hipotáticas e as subordinadas (MATTHIESSEN; THOMPSON, 1988; HOPPER; TRAUGOTT, 2003).¹¹

¹¹ Segundo essa visão as cláusulas tradicionalmente classificadas como adverbiais e adjetivas explicativas, por apresentarem níveis de encaixamento menor, não devem ser incorporadas às subordinadas, que apresentam altos graus de encaixamento, sobretudo quando reduzidas. Desse modo, as adverbiais e as adjetivas explicativas são caracterizadas como hipotáticas, ficando apenas as substantivas e as adjetivas restritivas entre as subordinadas.

Base teórica: gramaticalização

A teoria da gramaticalização está na base deste trabalho tanto no que diz respeito à polissemia dos elementos estudados, quanto à questão da sua ordenação. No que diz respeito às questões polissêmicas, pode-se dizer que os novos usos que se desenvolveram dos advérbios qualitativos, modificadores de verbos, passaram a apresentar funções de caráter mais gramatical (TRAUGOTT; DASHER, 2005). Desse modo, o advérbio *bem* pode desenvolver valores associados à noção de foco e os advérbios em *-mente*, usos típicos de modalizador:

- (22) ... sirva em tudo o quanto puder pois vossa merce *bem* save o quanto eu lhe sou obrigado. (Séc. XVIII)
Esta carta *provavelmente* não te-a-| chará em Paris: irá ter á Suissa, ou | á estação de agoas a que voces forem.

Esses usos não qualitativos tendem a apresentar ordenações diferentes das que caracterizam os advérbios qualitativos. O item *bem* no exemplo (22) apresenta uma colocação pré-verbal, enquanto que o seu uso qualitativo tende para as posições pós-verbais, sobretudo em cláusulas menos gramaticalizadas. Os advérbios modalizadores em *-mente*, do tipo apresentado em (23) tende às posições periféricas da cláusula: colocam-se normalmente no início e no fim da cláusula, modificando não o verbo em si, mas o conteúdo da cláusula como um todo.

No que concerne às restrições de ordenação, o nível de gramaticalização da cláusula em que ocorrem os qualitativos tem influência sobre sua colocação (GIVON, 1979; HOPPER; TRAUGOTT, 2003). De acordo com Givón (1979), a distribuição dos elementos significativos em cláusulas subordinadas é sempre mais restrita. Isso ocorre não apenas porque essas cláusulas tendem a apresentar uma estrutura mais cristalizada, mas, sobretudo, por ser menos pressuposicionais, no sentido de que sua interpretação depende de menos material inferível do que a interpretação das demais estruturas. Isso faz com que as subordinadas tendam a exibir grande conservadorismo sintático, sobretudo, no que diz respeito à ordenação vocabular. Assim, as cláusulas com baixos níveis de gramaticalização tenderão a apresentar ordenações mais antigas. O esquema abaixo apresenta os dois grandes tipos de cláusula observados nesta pesquisa:

<i>Principais/</i>	vs	<i>Hipotáticas/</i>
<i>Coordenadas</i>		<i>Subordinadas</i>
↓		↓
-gramaticalizadas		+gramaticalizadas
-cristalizadas		+cristalizadas
-conservadoras		+conservadoras

Os dois exemplos abaixo, envolvendo o advérbio qualitativo *bem* demonstram a variação de colocação dos qualitativos, que podiam aparecer em posição pré ou pós-verbal. Em (24) pode-se observar uma ocorrência pós-verbal do item em uma cláusula absoluta e em (25) um uso pré-verbal, muito comum em hipotáticas finais reduzidas de infinitivo até o século XIX:

- (24) Bravo,| meu velho: continua a applicar-te para nos | dar gostos. Escrever *bem* é uma bonita prenda. (Séc. XIX)
- (25) Eé esta Junta servido nomear para servir o dito officio, a Custodio Manoel da Sylva Guimaraes, por EleConctar dasua capacidade, Zelo, Linpeza demaos edeter as partes neceçarias para *bem* oexercer.

Expectativa

Espera-se encontrar uma quantidade representativa de qualitativos pré-verbais no século XVIII, sobretudo em cláusulas com graus maiores de gramaticalização. Quanto ao o século XIX, que é um importante período de transição para o português do Brasil (TARALLO, 1993; PAGOTTO, 1998), espera-se detectar a diminuição gradual dos usos pré-verbais no decorrer do século. Em termos mais específicos, os qualitativos pré-verbais devem ficar cada vez mais restritos ao conservadorismo das cláusulas +gramaticalizadas e, com o passar do tempo, devem desaparecer também desses tipos de cláusula. Acredita-se que o século XIX seja o período em que essa mudança se concretiza.

Para observar mais de perto o que ocorre no século XIX, os textos foram divididos de acordo com uma separação feita no *corpus* do PHPB-RJ. Os textos desse século aqui analisados foram distribuídos por três diferentes períodos de tempo:

1a fase: textos de 1801 a 1840

2a fase: textos de 1841 a 1870

3a fase: textos de 1871 a 1900.

A expectativa é que a terceira fase apresente poucas ocorrências pré-verbais.

Resultados

A partir de agora serão observados os resultados da análise dos dois séculos observados. Começamos pelo século XVIII. A tabela abaixo apresenta a distribuição dos advérbios qualitativos *bem*, *mal* e em *-mente* pelas posições observadas em cláusulas mais e menos gramaticalizadas:

Tabela 3: Tipos de ordenação de qualitativos no século XVIII

ADV	-GRAM	+GRAMATICAL								
		Hipotat		Hipotat Relat		Subord		Subord Relat		Total
		R ¹	NR	R	NR	R	NR	R	NR	
VA	18 35%	4			2	6	6		1	37
VXA			1	2	3	5	3			14
AV	6 16%	1	5	2	14	3			3	34
AXV		1			3					4
Total	24	6	6	4	22	14	9		4	89

Os dados são poucos, mas demonstram algumas tendências interessantes. Pode-se notar que, do total de 89 ocorrências de qualitativos, 38 casos, ou 42,6% de ocorrências apareceram em posições pré-verbais: AV e AXV. Por outro lado, observa-se que, entre essas ocorrências pré-verbais, apenas 16% apareceram em cláusulas -gramaticalizadas, o que indica uma forte tendência dessa ordenação para esse tipo de cláusula no século XVIII.

A tabela abaixo apresenta a distribuição dos advérbios qualitativos *bem*, *mal* e em *-mente* pelas posições observadas em cláusulas mais e menos gramaticalizadas, no século XIX:

Tabela 4: Tipos de ordenação de qualitativos no século XIX

ADV	-GRAM	+GRAMATICAL								Total
		Hipotat		Hipotat Rel		Subord		Subord Rel		
		R	NR	R	NR	R	NR	R	NR	
VA	124 59%	10	19	3	6	18	17		12	209
AV	3 4,7%	16	9	1	11	4	4	4	11	63
Total	127	26	28	4	17	22	21	4	23	272

A Tabela 4, se comparada com a que se refere ao século XVIII, apresenta dois resultados muito interessantes. Em primeiro lugar, pode-se perceber, no século XIX, uma grande diminuição de ocorrências em posições pré-verbal: de 42,6% do total no século XVIII para 23% do total de ocorrências no século XIX: 63 casos do total de 272. Em segundo lugar, desaparecem as posições AXV e VXA, ficando os qualitativos mais próximos ao verbo. Esses dois resultados apontam para um caminhar em direção às tendências de ordenação desses advérbios no português atual: a posição imediatamente posterior ao verbo (MARTELOTTA, 2004).

Para ratificar essa caminhada gradual, é interessante observar a tabela abaixo, que compara o século XVIII e as 3 fases do século XIX:

Tabela 5: Trajetória de ordenação de qualitativos no português:

ADV	XVIII	XIX	XIX	XIX
		1ª Fase	2ª Fase	3ª Fase
Pré-verbal	38	21	27	15
	42,6%	40,3%	28,7%	11,9%
Pós-verbal	51	31	67	111
	56,6%	59,7%	71,3%	88,1%
Total	89	52	94	126

O que a Tabela 5 mostra de interessante é a diminuição gradual das posições pré-verbais. A primeira coluna da tabela apresenta uma diminuição de 42,6% no século XVIII para apenas 11,9% na segunda fase do século XIX.

Usos da negação

Esta seção busca apresentar evidências de que a distribuição do advérbio *não* nas orações negativas dupla e final no português do Brasil é motivada pela atuação de pressões comunicativas e cognitivas que atuam sobre o sistema linguístico. A posição estrutural do marcador negativo aponta para um processo de mudança na ordenação vocabular das construções que codificam o domínio funcional da negação.

No português do Brasil (PB) co-ocorrem três estratégias de negação oracional:

a. a negativa canônica pré-verbal *não*+SV:

(26) ... só que com a luz acesa *a gente não conseguia dormir...* (D&G/Natal, p. 273)

b. a negativa dupla não + SV + não:

(27) ... mude pra um ambiente mais limpo ... porque *sua rinite num tá muito boa não* ... (D&G/Natal, p. 364)

c. a negativa final SV + não:

(28) ... tudo eu faço ... sabe? *tem isso comigo não* ... (D&G/Natal, p. 264)

A variação atestada no PB atual entre a negativa pré-verbal (*não*+SV), a negativa dupla (*não*+SV+*não*) e a negativa pós-verbal (V+*não*) representa um processo universal comum conhecido como ‘o ciclo de Jespersen’:

O advérbio negativo original primeiramente se enfraquece, depois é considerado insuficiente e, portanto, é reforçado, geralmente através de alguma palavra adicional que, por sua vez, pode ser entendida como a própria negativa e então, no curso do tempo, pode estar sujeita ao mesmo desenvolvimento que a palavra original. (JESPERSEN, 1917, p. 4)

Estudos sobre a negação oracional têm geralmente atribuído a existência de negativas duplas e finais nas línguas românicas à teoria do contato com línguas africanas. Fundamentada no quadro teórico da vertente funcionalista norte-americana, descarto a hipótese da influência de falares crioulos e argumento que os atuais padrões estruturais do advérbio *não* no PB podem ser explicados com base no modelo das motivações competidoras, assim proposto em Haiman (1983, 1985), Du Bois (1985) e Givón (1995).

A análise desta seção compreende dados sincrônicos, extraídos do Corpus Discurso & Gramática (D&G), composto por textos orais e seus correspondentes escritos produzidos pela comunidade estudantil de diferentes cidades do Brasil (Natal/RN, Rio de Janeiro/RJ, Niterói/RJ, Juiz de Fora/MG e Rio Grande/RS), e dados diacrônicos, recolhidos em textos representativos do português escrito arcaico (do século XIII até meados do XIV): A demanda do Santo Graal, Auto do pastoril português, Obras-primas do teatro vicentino, Obras completas de Gil Vicente, Crestomatia arcaica, A mais antiga versão portuguesa dos Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório, Um tratado da cozinha portuguesa do século XV, Crônica de D. Pedro I e Crônica de D. Fernando.

A hipótese crioulista

O estudo das estratégias de negação no PB se insere no debate em torno da questão de se construções características do PB decorrem de uma base crioula ou se seriam o resultado de mudanças naturais a que qualquer sistema linguístico está sujeito.

A gênese de negativas duplas e finais nas línguas românicas tem sido apontada como um traço de crioulição resultante da influência da estrutura de línguas africanas (SCHWEGLER, 1991; HOLM, 1988; MARROQUIM,

1934; SILVA NETO, 1986; ELIA, 1979; CAMARA JR., 1976, entre outros). Schwegler (1991) relaciona a existência das negativas duplas e finais no PB, no francês, em alguns dialetos italianos e em outras línguas hispanoamericanas, faladas na Colômbia, em Cuba e São Domingos, ao contato com línguas africanas, o que evidenciaria a origem crioula do PB. Para esse autor as duas negativas pós-verbais do PB estão associadas a funções pragmáticas distintas: a negativa padrão, pressuposicionalmente neutra, é usada para negar uma asserção, enquanto as negativas dupla e final, pressuposicionalmente marcadas, são usadas para rejeitar uma expectativa (explícita ou implícita) no discurso precedente.

A análise de meus dados não sustenta o argumento de Schwegler e revela que as negativas padrão, dupla e pós-verbal podem ser intercambiáveis uma vez que são usadas para recusar, rejeitar ou contradizer uma expectativa ou asserção previamente mencionada ou pressuposta no texto (FURTADO DA CUNHA, 2000), como nos exemplos que se seguem. Em (29), a negativa dupla rejeita uma asserção presente no contexto imediato, exemplificando, assim, uma negação explícita. O falante está narrando o filme *Uma linda mulher*. A negativa é usada para refutar a informação dada pelo próprio falante de que o carro que seguia o personagem principal estava sendo dirigido por seu próprio motorista.

(29)... e um motorista dele... nesse tempo ele... num era... *num era um motorista dele não...* era do hotel... porque ele ficou sem motorista... (D&G/Natal, p. 244)

A negativa em (30) é usada para negar uma asserção implícita, algo que o falante assume que o seu interlocutor está inclinado a ouvir. Ou seja, a negativa desfaz uma expectativa “incorreta” (GIVÓN, 1979). Nesse trecho, a falante conta o filme *Mudança de hábito*, no qual a personagem principal, uma cantora de boate que procura abrigo em um convento, se envolve com o coral da igreja:

(30) ... a nova regente... *ela não tava sabendo reger direito...* a regente do coral... tava errando lá um monte de coisas... né... quando ia dar as notas pra pessoa... *não dividia o coral em vozes ... né... soprano... contralto... esse negócio todo...* (D&G/Natal, p. 278)

Dado nosso conhecimento do senso comum, espera-se que um regente de coral tenha conhecimentos musicais que lhe permitam desempenhar essa tarefa a contento. A negativa contradiz essa expectativa.

É possível concluir, dos exemplos citados, que as construções negativas se sobrepõem funcionalmente no que diz respeito à sua motivação discursiva.

A análise dos dados sincrônicos forneceu os resultados dispostos na tabela abaixo, que exhibe a distribuição das estratégias negativas nos diferentes *corpora Discurso & Gramática*, de acordo com a modalidade do texto:

Tabela 6: Distribuição dos tipos de negativa por modalidade de texto

<i>Corpus D&G</i>	FALA			ESCRITA		
	não+SV	não+SV+não	SV+não	não+SV	não+SV+não	SV+não
Natal	1656	180	11	196	1	0
Rio de Janeiro	886	81	2	327	2	0
Niterói	161	14	0	52	0	0
Juiz de Fora	301	51	1	70	0	0
Rio Grande	267	0	0	77	0	0
Total	3271	326	14	722	3	0

Como se pode ver na Tabela 6, não foi registrada nenhuma ocorrência das negativas dupla e final nos dados do Rio Grande, assim como também não há negativa final no *corpus* de Niterói. Não se pode ter certeza de que essas construções não estão presentes nessas variedades regionais ou se não aparecerem nos dados porque os contextos favorecedores do seu uso não se fizeram presentes na amostra examinada. Em segundo lugar, fala e escrita diferem com relação à ocorrência dos padrões negativos: enquanto todas as três estratégias estão presentes na oralidade, nos textos escritos a negativa dupla só apresenta três ocorrências e a negativa final não ocorre. Essa distribuição reflete a trajetória de emergência das negativas dupla e final, que se manifestam primeiramente no discurso falado. O registro mais formal, nesse caso, a língua escrita, evita os novos padrões. Como era de se esperar, as formas

mais novas estão associadas a forças sociolinguísticas inovadoras, tais como falantes mais jovens, modalidade oral e estilo coloquial.

Quanto aos dados diacrônicos, a negativa dupla e a final não são registradas no período que vai do século XIII ao XV, em que só se constata a negativa canônica. É nos textos da primeira metade do século XVI, mais especificamente, nos textos de Gil Vicente, que se dão as sete ocorrências da negativa dupla, como:

(31) Velha. Enjeitas tu o fiar?

Isabel. *Que não hei-de fiar, não! (Quem tem farelos?1515)*

É importante enfatizar que, ao menos em textos escritos, a negativa dupla não é uma construção exclusiva do PB, podendo ser atestada não só no português arcaico, nos textos de Gil Vicente, como também no PE do século XVI e no PE atual, em contextos de uso semelhantes aos do PB. A diferença básica entre o PE e o PB tem a ver com a frequência de uso da negativa dupla, que parece ser muito maior no PB do que no PE.

Os fatos discutidos aqui sugerem que a negativa dupla, característica da norma vernácula brasileira, já estaria prefigurada no português europeu, evidenciando a atuação do princípio do uniformitarismo. Diferentemente do PE, o PB vernacular teria avançado a mudança embrionária do sistema de negação presente no português que veio da Europa, hipótese plausível dada a deriva secular das línguas românicas, conforme Naro e Scherre (1993).

Pressões comunicativas e cognitivas

De origem neogramática, o princípio do uniformitarismo tornou-se um ingrediente essencial em grande parte das pesquisas linguísticas históricas (LABOV, 1994). Ele prevê que tendências hoje em curso devem ter atuado em estágios anteriores da língua e possivelmente continuarão a atuar. A noção de unidirecionalidade, tal como proposta pelo paradigma da gramaticalização, leva à hipótese de que existem fatores de ordem cognitiva, sociocultural e comunicativa que norteiam a mudança. Nesse sentido, pode-se falar em pancronia, ou leis gerais que se fundamentam em bases não exclusivamente estruturais e admitir que há transformações que ocorrem em todos os tempos e lugares (FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; VOTRE, 1999).

Em síntese, sugiro os seguintes estágios no desenvolvimento das negativas pós-verbais no PB, motivados por fatores de natureza diversa, pragmáticos, cognitivos, sintáticos e fonológicos:

1. reforço opcional da negação através de acréscimo de *não* pós-verbal;
2. reanálise do *não* pós-verbal como elemento obrigatório via repetição de uso;
3. redução fonológica do *não* tônico pré-verbal para *num* átono;
4. eliminação da redundância através da omissão do *não* pré-verbal.

O paradigma de gramaticalização inclui um número de princípios para explicar um tipo especial de variação e mudança linguística. Tem por objetivo dar conta da gênese e do desenvolvimento de padrões gramaticais em termos de manipulação pragmática e cognitiva, por meio da qual conceitos e estruturas, como um resultado de implicaturas conversacionais, recebem interpretações mais gramaticais em contextos específicos. A gramaticalização é aqui entendida como um processo de transição através do qual uma estrutura avança da pragmática para a sintaxe. Nesse sentido, o processo de gramaticalização envolve a reanálise de um padrão do domínio do uso da língua para o domínio da estrutura linguística, isto é, a reanálise de um padrão discursivo em um padrão sintático.

É interessante observar que as estratégias de negação no PB refletem algumas das características mais salientes da gramaticalização: a) sobreposição, que se refere à coexistência de várias camadas do mesmo fenômeno gramatical; b) enfraquecimento fonológico e semântico de uma forma como gatilho para a emergência de uma nova forma funcionalmente equivalente; c) processos morfossintáticos que levam à iconicidade entre forma e função e, finalmente, d) reanálise, através da qual um marcador originalmente opcional passa a ser usado como um marcador regular.

Sob a perspectiva funcionalista, a gramática de uma língua natural se ajusta a pressões internas e externas ao sistema, que interagem e se confrontam constantemente. Levando em consideração os propósitos, as necessidades e os esforços do falante e do ouvinte na situação de interação comunicativa, admite-se que há diferentes motivações que competem por um determinado domínio funcional (FURTADO DA CUNHA, 2001). De um lado, há uma tendência em maximizar a informatividade: tendo o ouvinte como meta, o falante tenta ser informativo e claro para atingir seus propósitos comunicativos. Do outro lado, há uma tendência em maximizar a economia: o falante tende a

reduzir o sinal falado no discurso rápido, com consequente desgaste fonológico e desbotamento semântico. Em última análise, são essas necessidades e restrições do falante e do ouvinte que configuram a forma da língua.

As tendências simultâneas de maximização da informatividade e da economia refletem a interação de duas motivações que atuam no domínio funcional da negação: uma no sentido da recuperação da iconicidade e a outra em sentido contrário, em direção à economia, tendo como efeito a perda de iconicidade. Desse modo, pode-se interpretar a suposta arbitrariedade da negativa pós-verbal como a resolução de uma competição entre motivações icônicas e econômicas. Por um lado, dada a redução do ditongo do *não* pré-verbal para *num*, a necessidade de manter a clareza comunicativa leva ao surgimento da negativa dupla, em um movimento em direção à iconicidade (maximização da informatividade); por outro, a pressão por economia, dada a rapidez na produção da fala, motiva o desenvolvimento da negativa pós-verbal, em um movimento contra a iconicidade (maximização da economia). A perda de transparência da mensagem é compensada pelo ganho em velocidade de processamento da informação. Assim, a economia discursiva supera a transparência semântica como motivação para a emergência da negativa pós-verbal e, nesse conflito com a iconicidade, a economia vence. Com relação à presença do marcador negativo, então, a negativa dupla é icônica enquanto a negativa final é econômica.

Embora à primeira vista a negativa final pareça arbitrária, ela é diacronicamente motivada, se admitirmos que a direcionalidade da mudança na negação vai da negativa pré-verbal à negativa dupla e daí à negativa pós-verbal. Temos, desse modo, uma sucessão de mudanças, das quais uma é responsável pela restauração da iconicidade entre forma e função (negativa dupla) enquanto a outra causa uma perda da iconicidade (negativa final).

Do que foi exposto, conclui-se que o modelo das motivações competidoras possibilita justificar a ocorrência das três construções negativas no PB como resultado do conflito entre iconicidade e economia. Não é necessário, portanto, recorrer à influência de falares crioulos para explicar a existência desses padrões negativos pós-verbais nessa língua. Junte-se às evidências arroladas acima o fato de que, como corretamente argumentam Naro e Scherre (1993, 2000), parece improvável que tenha existido uma língua *pidgin* ou crioula de base lexical portuguesa e gramática africana associada predominantemente com a etnia afro-brasileira que não tenha deixado nenhum registro.

Considerações finais

Os resultados e análises aqui apresentados apontam aspectos de continuidade, de variabilidade e de mudança nos padrões funcionais dos usos adverbiais no português. A pesquisa tem revelado que as distintas circunstâncias ou subclasses desse conjunto prototípico tendem a assumir traços semântico-sintáticos específicos, reveladores do hibridismo categorial dos adverbiais. Por outro lado, as distinções de sentido e de ordenação, conforme nossa exposição, são passíveis de interpretação, são capazes de serem investigadas e tratadas à luz do suporte funcionalista, tanto em termos de seus aspectos estruturais quanto em termos de sua motivação pragmático-discursiva.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; CEZARIO, Maria Maura; MARTELOTTA, Mário Eduardo; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Adverbials in Brazilian Portuguese – semantics and syntax in functional perspective. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 7-39, 2013 [2011].

ABSTRACT: *Analysis of functional patterns involved in the use of locative, temporal/aspectual, qualitative and negative adverbials in Brazilian Portuguese, based on their prototypical nature. Survey of extra and intralinguistic discourse-pragmatic aspects that motivate ordering, polysemy and grammaticalization of adverbials in the trajectory of Brazilian Portuguese. Identification of signs of continuity, variability and change, which characterize those uses.*

KEYWORDS: *Adverbials. Ordering. Semantics. Brazilian Portuguese.*

Referências

- ALBANI, F. **Ordenação do advérbio sempre no português arcaico e no contemporâneo**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.
- ALBANI, F.; CEZARIO, M. M. **Mudança na ordenação do advérbio “sempre” na história do português escrito**. Rio de Janeiro: UFRJ, inédito.
- ANDRADE, Q. P. **Ordenação das locuções adverbiais de tempo em editoriais**. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.
- BATORÉO, H. **Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição**. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BENEDITO, S. Polissemia e ordenação do item mal no português escrito: uma análise diacrônica. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

BRINTON, L.; TRAUGOTT, E. **Lexicalization and language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

CAMARA JR., J. M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CASTILHO, A. Os mostrativos no português falado. In: CASTILHO, A. (Org.) **Gramática do português falado: as abordagens**. v. III. São Paulo: Ed. da Unicamp, 1993. p. 119-147.

CEZARIO, M. M.; ANDRADE, Q. P.; FREITAS, E. P. Ordenação de adverbiais temporais e aspectuais. In: HENRIQUES, C.; SIMÕES, D. (Org.) **Língua portuguesa: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino**. Rio de Janeiro: Europa, 2005. p. 212-218.

CEZARIO, M. M.; ILOGTI, E. C.; COSTA, J. O. Ordenação de adverbiais temporais ou aspectuais. *Transformar, Revista do CenPE/Fundação São José, Itaperuna, Templo Gráfica*, n. 3, p. 189-203, 2005.

CEZARIO, M. M.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S.; WILSON, V. Ordenação de advérbios em textos religiosos. **Matraga**, Revista de Pós-Graduação em Letras, Rio de Janeiro, v. 16, p. 164-177, 2004.

CUNHA, A. G.; CAMBRAIA, C.; MEGALE, H. (Org.) **A carta de Pero Vaz de Caminha**. São Paulo: Humanitas, 1999.

DAHL, O. Inflationary effects in language and elsewhere. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Org.) **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjaming Company, 2001. p. 471-480.

ELIA, S. **A unidade linguística no Brasil**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

ERNOUT, A.; THOMAS, F. **Syntaxe latine**. 2. ed. Paris: Éditions Klincksieck, 1993 [1951].

FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Org.) **Gramaticalização no português do Brasil**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 167-190.

_____. A negação no português: uma perspectiva pancrônica. In: FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.) **Procedimentos discursivos na fala de Natal** – uma abordagem funcionalista. Natal: EDUFRN, 2000. p. 11-48.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. (Org.).
Linguística funcional: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2003.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; VOTRE, S. A interação sincronia/
diacronia no estudo da sintaxe. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 15, p. 85-111, 1999.

GIVÓN, T. **Syntax: an introduction.** v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins,
2001.

_____. **Functionalism and grammar.** Amsterdam: John Benjamins, 1995.

_____. **On understanding grammar.** New York/San Francisco/London: Academic
Press, 1979.

HAIMAN, J. Iconic and economic motivation. **Language**, v. 59, p. 781-819, 1983.

HAIMAN, J. (Ed.). **Iconicity in syntax.** Amsterdam: John Benjamins, 1985.

HALLIDAY, M. K. **An introduction to Functional Grammar.** 2. ed. London: Edward
Arnold, 1994.

HEINE, B.; KUTEVA, T. **The genesis of grammar: a reconstruction.** New York: Oxford
University Press, 2007.

HOLM, J. Creole influence on popular Brazilian Portuguese. In: GILBERT, G. (Ed.).
Pidgin and creole languages. Honolulu: University of Honolulu Press, 1988.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. Transitivity in grammar and discourse. **Language**, v. 56,
n. 2, 1980, p. 251-299.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization.** Cambridge: Cambridge University
Press, 2003.

ILARI, R. **A expressão de tempo em português.** São Paulo: Contexto, 2001.

ILARI, R. et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. (Org.)
Gramática do português falado: a ordem. v. 1. São Paulo: Ed. da Unicamp/Fapesp,
1990. p. 63-141.

JUNGBLUTH, K. Binary and ternary deictic systems in speech and writing. **Philologie
am Netz**, v. 15, Berlin, p. 1-24, 2001.

LABOV, W. **Principles of linguistic change – internal factors.** Cambridge: Blackwell,
1994.

LÉO, Pe.scj. **Tocar o Senhor.** 7. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

MAROUZEAU, J. **L'ordre des mots dans la phrase latine**. Tome III: les articulations de l'énoncé. Paris: Société d'Édition Les Belles Letres, 1949.

MARROQUIM, M. **A língua do nordeste**. Curitiba: HD Livros, 1996 [1934].

MARTELOTTA, M. E. **Os circunstanciadores temporais e sua ordenação**: uma visão funcional. 1994. Tese (Doutorado em Linguística) - UFRJ, Rio de Janeiro, 1994.

_____. **Ordenação dos advérbios bem e mal no português escrito**: uma abordagem histórica. Rio de Janeiro: Relatório final apresentado ao CNPq, 2004.

_____. Ordenação dos advérbios qualitativos em *-mente* no português escrito no Brasil nos séculos XVIII e XIX. **Gragoatá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFF**, v. 21 – Usos linguísticos, Niterói, p. 11-26, 2006.

MARTELOTTA, M. E.; BARBOSA, A.; LEITÃO, M. Ordenação de advérbios intensificadores e qualitativos em *-mente* em cartas de jornais do séc. XIX: bases para uma análise diacrônica. In: DUARTE, M. E.; CALLOU, D. (Org.) **Para a história do português brasileiro** – Notícias de *corpora* e outros estudos – v. IV. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras de UFRJ/FAPERJ, 2002. p. 167-176.

MARTELOTTA, M. E.; PROCESSY, W.; SANTOS, M. Ordenação de advérbios no latim clássico e no latim medieval. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói: UFF, inédito.

MARTELOTTA, M. E.; VLCEK, N. Advérbios qualitativos em *-mente* em cartas de jornais do século XIX. **Linguística**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ, Rio de Janeiro, UFRJ, v 2, no. 1, p. 5-22, 2006.

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. The structure of discourse and “subordination”. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. **Clause combining in grammar and discourse**. Philadelphia: John Benjamins, 1988. p. 275-329.

MORAES PINTO, D. Gramaticalização e ordenação nos advérbios qualitativos e modalizadores em *-mente*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

_____. **Os Advérbios Qualitativos e Modalizadores em -mente e sua ordenação**: uma abordagem Diacrônica. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. Concordância variável em português: a situação no Brasil e em Portugal. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN – Anais II. Fortaleza: Abralín, 2000, p. 40-71.

_____. Sobre as origens do português popular do Brasil. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, n. 9, p. 437-454, 1993.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

OLIVEIRA, J. F. **Um coração que seja puro**. 10. ed. São Paulo: Paulus, 1982.

OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M.; ALBANI, F. Articulação adverbial no discurso religioso. **Linguagem em (Dis)curso, Tubarão**, v. 5, n. 2, Tubarão, p. 295-322, 2005.

PAGOTTO, E. Norma e condescendência: ciência e pureza. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, v. 2, Canoas, p. 49-68, 1998.

PAIVA, M. C. Proformas adverbiais e encadeamento dêitico. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). **Português brasileiro** – contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 132-143.

Pe. Léo. **Tocar o Senhor**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

RONCARATI, C. A negação no português falado. In: MACEDO, A.; RONCARATI, C.; MOLLICA, C. (Org.) **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 97-112.

SCHWEGLER, A. Predicate negation in contemporary Brazilian Portuguese – a change in progress. **Orbis**, v. 34, Campina Grande, p. 187-214, 1991.

SILVA NETO, S. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Org.) **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1991/1993. p. 69-106.

THOMPSON, S.; HOPPER, P. Transitivity, clause structure and argument structure: Evidence from conversation. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Org.) **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Company, 2001. p. 27-60.

TAYLOR, J. **Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory**. Oxford: Clarendon Press, 1995.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.